

HISTÓRIA INTELECTUAL, DAS/OS INTELECTUAIS E O/A INTELECTUAL MEDIADOR/A: breve análise

Niédja Ferreira dos Santos ¹

RESUMO

O presente artigo trata-se de uma breve discussão que envolve aspectos relacionados a História Intelectual, dos/as intelectuais e intelectual mediador/a, como essa dimensão de estudo da história e essas categorias podem ser vistas e analisadas nos estudos historiográficos da educação. Diante das referências desenvolvidas na disciplina de Tópicos em História da Educação: “História da profissão docente” durante o curso de doutorado e a relação direta desse referencial teórico com meu objeto de estudo é que pretendo discorrer nesse trabalho esses aspectos que subsidiarão o campo temático que será desenvolvido na tese. A partir dos debates realizados por Silva (2002); Lopes (2003); Gomes e Hansen (2016), Alves (2019); além de Vieira (2015) e Machado e Coelho (2016) que apresentam perspectivas relacionadas as pesquisas com intelectuais em História da educação. Além disso, será apresentado uma relação entre esse campo teórico com a pesquisa de tese em andamento, que objetiva tornar pública a trajetória da educadora e historiadora paraibana Carmen Coelho de Miranda Freire e como ela se insere na categoria de intelectual. São apontadas de forma sucinta algumas de suas práticas que a insere como uma representante feminina na história dos/as intelectuais da Paraíba, pois, suas produções mediarão conhecimentos na esfera educativa em diversas áreas, na social e cultural no contexto do nosso estado.

Palavras-chaves: História Intelectual, História das/os intelectuais, Intelectual mediadora/o.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se de uma breve discussão que envolve aspectos relacionados a História Intelectual, dos/as intelectuais e o conceito de intelectual mediador/a. Diante das referências desenvolvidas na disciplina de Tópicos em História da Educação: “História da profissão docente” durante o curso de doutorado e a relação direta desse referencial teórico com meu objeto de estudo é que pretendo discorrer nesse trabalho esses aspectos que subsidiarão o campo temático que será desenvolvido na tese.

¹ Doutoranda em Educação da Universidade Federal da Paraíba, pelo Programa de Pós graduação em Educação (PPGE/UFPB), niedjafsanos@gmail.com.

Sabemos que no desenvolvimento da pesquisa acadêmica nos deparamos com algumas dúvidas sobre qual melhor caminho teórico, metodológico e os conceitos que serão fundamentais na relação com o objeto, com a problemática e com as fontes disponíveis que acessamos, tendo como intuito reconstruir da melhor forma possível o período histórico pretendido. Diante desses aspectos, nós pesquisadores fazemos algumas revisitas aos nossos objetivos a partir de estudos realizados, dos encontros com as fontes e o que elas nos revelam, a fim de estruturar a escrita dentro da coerência e com o rigor científico necessário.

Inserida no Doutorado em Educação do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB) me matriculei na disciplina de Tópicos em História da Educação – “História da profissão docente”, com o intuito de amadurecer algumas ideias e conceitos que pretendo traçar na minha pesquisa. Diante disso, minha pretensão em relacionar meu objeto atual com a História intelectual, dos/as intelectuais e do/a intelectual mediador/a se deu após reflexões realizadas logo após o primeiro dia de aula da referida disciplina. Dentre os questionamentos levantados pelas professoras o que mais me chamou a atenção foi: “A/o professora/o pode ser considerado um intelectual?” A partir dessa indagação fui refletindo como em meu ideário eu percebo o que ser um intelectual e como a/o docente pode estar inserido nessa categoria, quais práticas devem ser efetivadas para receber tal adjetivo, se depende ou não do reconhecimento dos seus pares ou da própria sociedade em geral para ter essa nomeação, ou seja, mesmo como docente, percebi que a concepção de intelectual que eu tinha era referente a idealização feita pelo senso comum. Onde intelectual é aquele que estuda, pesquisa, escreve livros, artigos, tem suas ideias reproduzidas na comunidade científica e social, ou seja, uma visão muito semelhante ao de “intelectual orgânico” proposta por Gramsci.

No quarto dia de aula tivemos a exposição da temática: Professores e Professoras como Intelectuais da Educação pela professora convidada Ana Paula Sampaio Caldeira da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O texto base para o debate foi a apresentação da obra de Ângela de Castro Gomes e Patrícia S. Hansen, Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política. Inicialmente, a exposição realizada pela professora Ana Paula trouxe em sua fala como ela adentrou seus estudos no campo da História intelectual e como chegou as categorias de mediação cultural e de intelectuais

mediadores. Percebi que alguns aspectos dos seus percursos de pesquisa eram semelhantes ao que me encontro atualmente, ou seja, nosso encontro com esse campo e com essas categorias vieram através do nosso objeto. Dentro do contexto da aula foi levantado um questionamento que será válido fazer a retomada a fim de dar continuidade as discussões propostas nesse artigo: O que vem a ser intelectual? Então continuo as reflexões com mais alguns questionamentos: O que é História Intelectual? Quais relações semelhanças ou diferenças entre História Intelectual e das/os intelectuais? O que categoriza um sujeito como Intelectual mediador? Esse conjunto de questões balizam as reflexões que teremos a seguir.

HISTÓRIA INTELECTUAL, DAS/OS INTELECTUAIS E O CONCEITO DE INTELECTUAL MEDIADOR/A

Após a definição do meu objeto de estudo e a necessidade de adentrar nesse debate sobre História Intelectual ou das/os intelectuais tive que buscar leituras que desse início a minha compreensão sobre definição/ões, quais aproximações e distanciamentos entre esse campo, categoria e conceito. De acordo com Silva, a História Intelectual é um campo de estudo indeterminado, tendo em vista a falta de sistematização da sua teoria e metodologia, “domínio vago e impreciso, a história intelectual, na França, tende a se confundir com a sociologia dos intelectuais, com a história das ideias e mesmo com a sociologia e a história da cultura”. (SILVA, 2002, p.11)

Historicamente, o conceito de intelectual tem caráter polissêmico dependendo da época e contexto. Inicialmente o “intelectual” estava ligado a figura do clérigo, da sacralidade, daqueles que enunciavam a verdade; na Idade Média com a laicidade, os clérigos da igreja perderam espaço para os clérigos leigos eruditos; no final do século XIX, com o caso Dreyfus, o “intelectual” passou a ter um significado pejorativo, tendo em vista que as pessoas de renome que estavam questionando a sua sentença, se colocaram contra a razão do Estado, o que configurou a divisão do intelectual de esquerda ou direita (SILVA, 2002). Ainda temos os intelectuais que vivem para as ideias, como se configurasse um tipo de vocação, onde as ideias fossem mais importantes do que a prática, de acordo Lowy (2019), “o intelectual encarna o espírito crítico, contemplativo e especulativo, insiste em falar dos valores universais, a forma suprema da curiosidade

intelectual, saber por saber.” Ainda segundo Roiz (2017), “Os intelectuais, por isso mesmo, além de serem importantes sujeitos de ação e mobilização, tornaram-se objeto de pesquisa para circunstanciar as tomadas de decisão, as disputas pelo poder e as relações entre Estado e Sociedade civil.”

Percebe-se que a história dos intelectuais nos remete a pessoa, a/o intelectual ou intelectuais, com isso, pode haver algumas dúvidas ou interpretações imprecisas do que realmente é cada uma delas. Nesse contexto podemos destacar:

A história dos intelectuais tem na França e na Itália grande desenvolvimento, e liga-se intimamente à história política. Já a história intelectual é parte de um movimento mais recente e, portanto, difícil de ser definido tanto em termos de presença nas diferentes culturas historiográficas nacionais como em termos de métodos e de objetos compartilhados. (VIEIRA, 2015, p.16)

A história intelectual configura-se como uma área de investigação que pode apresentar uma diversidade de abordagens, entre elas as biografias, que vão trazer a história de vida; a hermenêutica, que se trata da análise da obra; e a sociologia dos intelectuais, que vai perceber a dimensão contextual existente. (SILVA, 2002). Em relação ao conceito de história intelectual:

Sob a denominação de história intelectual, identificamos uma multiplicidade de possibilidades, envolvendo tanto os estudos dos pensadores clássicos da política, da filosofia ou da ciência como as formas de pensamento ou representações sociais produzidas por homens ou mulheres que viveram às margens do campo intelectual e/ou editorial, nas suas experiências cotidianas. O ponto em comum dessas tradições é a oposição às ideias desencarnadas, de maneira que tanto a História dos intelectuais como a recente história intelectual se revelaram atraentes para aqueles interessados em seguir explorando historicamente a esfera cultural, nas suas dimensões de produção, circulação e recepção de ideias e de crenças em contextos históricos determinados. (VIEIRA, 2015, p.16-17)

Nesse sentido, percebemos uma íntima relação entre o campo da história intelectual com a história dos intelectuais, nesse viés, a história da educação categoriza o intelectual como objeto de pesquisa e busca a partir do objetivo proposto, compreender as ideias, as produções, as práticas, as redes de relações e o contexto social desses intelectuais.

Com isso, a categoria ou conceito de intelectual mediador, diferente do ideário comum que o classifica como alguém de grande sabedoria e detentor da verdade, irá ampliar o olhar acerca das práticas de mediadores culturais e que estes estão e são sujeitos que atuam em diferentes áreas conforme afirma Gomes e Hansen, 2016, p.10, “na acepção mais ampla que aqui consideramos, são homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social.” Ainda segundo as autoras os mediadores podem atuar como aquele que cria ou produz, (a obra); o que divulga ou reproduz (vulgariza para tornar a informação mais acessível); muitas vezes esses intelectuais ao menos se enxergam como tal. Agora em relação a perceber o docente como intelectual, Gomes e Hansen (2016) apontam que é na educação onde a mediação cultural se expressa da melhor forma, pois “o intelectual mediador – que a ela dedica tempo, esforços e tem sempre um projeto político-cultural-, sobretudo quando exclusivamente dedicado à mediação, não é nem mesmo reconhecido como intelectual, sendo negligenciado das análises.” (p.17). Percebendo as diferentes formas de atuar enquanto intelectual mediador é que vamos relacionar esse campo e categorias de análise com uma professora que atuou como mediadora em diversos contextos de produção e práticas.

PROFESSORA CARMEN COELHO DE MIRANDA FREIRE E SUA TRAJETÓRIA INTELECTUAL NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA PARAÍBA

Carmita ou D. Carmita, como era conhecida pelas pessoas próximas, nasceu na cidade de João Pessoa em 12 de janeiro de 1912, sexta, das sete crianças de D^a. Maria Emerentina Gouvêa Coelho e Dr. José Vieira Coelho. Fez o curso primário, secundário e o magistério no Colégio Nossa Senhora das Neves², terminando seu curso normal em Novembro de 1931. Iniciou suas atividades como professora do Jardim de infância em 1933 no Grupo Escolar Isabel Maria das Neves³, onde ficou por sete anos, até assumir a

² O colégio Nossa Senhora das Neves, situado na Praça Dom Ulrico, nº 56, Centro de João Pessoa/PB, inaugurado no ano de 1857, tida como uma conceituada escola para meninas pautada na base religiosa e como instituição de referência do Curso Normal. Teve o encerramento definitivo de suas atividades educativas no ano de 2002. SANTOS, Tatiana de Medeiros. Magistério em declínio: Histórias e Memórias de ex-alunas do magistério do Colégio Nossa Senhora das Neves (1970). Dissertação de Mestrado: PPGE/UEPB, 2009.

³ A Escola Estadual Isabel Maria das Neves fica localizada na Av. João Machado, nº 484 no bairro de Jaguaribe, João Pessoa, PB.

cadeira de História Geral no Liceu Paraibano⁴. No mesmo período, integrou o quadro do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (Lourdinias)⁵. Em 1954 passou a ser professora catedrática de História do Brasil no Liceu Paraibano e nessa mesma instituição participou da fundação do curso noturno. Além da atuação como professora nesses espaços em 1952 ela compôs a banca examinadora que selecionava professores para a Faculdade de Filosofia de João Pessoa⁶, a partir desses vestígios, percebemos que ela transitou por diferentes níveis de ensino e em instituições tanto públicas quanto privadas, antes da sua atuação como autora de diferentes escritos.

Nessa perspectiva podemos até pontuá-la como nomeia Hansen e Gomes, 1996, “Guardiã da memória” familiar, pois, ela produziu um livro de genealogia em 1971 intitulado: *Notas Genealógicas das famílias Gouvêa, Meira Henriques, Albuquerque Maranhão, Vieira, Coêlho*, traçando informações sobre suas origens, nessa obra, vale destacar a preocupação da autora em retratar a biografia da sua mãe, D^a. M^a Emerentina com um capítulo intitulado: “A que se acha ligada minha mãe, exemplo de uma vida”. Essa obra de genealogia fez parte de sua atuação como sócia fundadora do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica. Além dessa obra de resgate histórico de sua base familiar, podemos destacar a pesquisa e publicação da biografia de seu tio bisavô “*Padre Leonardo Antunes de Meira Henriques (Padre Meira)*”. Esse estudo biográfico foi sua oração proferida em ocasião da posse no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, onde ocupou a cadeira de número 29, em 17 de agosto de 1976. Outra obra que retrata suas memórias familiares é “*As ruas onde morei: 1918 – 1930*” além de descrever os endereços que marcaram sua morada no tempo de infância e adolescência, retrata também as relações sociais com seus vizinhos e pessoas que faziam parte de seu contexto na época. Nessas obras/fontes poderemos perceber as redes de sociabilidade familiar de Carmen Coelho.

Além dos espaços de sociabilidade já mencionados, ela fundou o Núcleo Noelista da Paraíba, uma organização cultural e religiosa internacional e se tornou a primeira

⁴ O Liceu Paraibano localiza-se na avenida Getúlio Vargas, Centro, João Pessoa, PB. Fundado em março de 1936, tendo o início das suas atividades em 1937 como importante instituição de ensino secundário do estado. Atualmente oferece apenas o Ensino Médio.

⁵ O Colégio Nossa Senhora de Lourdes (Lourdinias) localiza-se na Avenida Eptácio Pessoa nº208, Torre, João Pessoa, PB.

⁶ A Faculdade de Filosofia da Paraíba, FAFI como era chamada, funcionava onde hoje é a Universidade Federal da Paraíba. BEZERRA, Francisco Chaves. O ensino superior de História da Paraíba (1952-1974): aspectos acadêmicos e institucionais. Dissertação de Mestrado: CCHLA/UFPB, 2007.

presidente aqui no estado. Com o ideal filantrópico fundou junto com outras amigas a Instituição de Domésticas de Santa Zita e a Casa de Santa Zita, que tinha como objetivo dar abrigo as moças que vinham do interior do estado em busca de emprego, encontravam ali um abrigo e contavam com atividades de instrução escolar, moral e religiosa. Percebemos uma atuação mediadora não só de cunho educativo por parte de Carmen Coelho, as fontes encontradas ampliam seus espaços de atuação em diferentes instituições de construção de identidades culturais. (SANTOS, 2012).

Dando continuidade à sua trajetória como historiadora é importante citar aqui as obras didáticas publicadas por Carmen Coelho: “*História da Paraíba Período Colonial e Reino* (1976); “*História da Paraíba: do Império à República*” (1976); “*História da Paraíba para uso didático*” (1978, 2ª ed). Podemos destacar como foi a recepção dessas obras destacando a opinião de um de seus pares no IHGP, José Leal:

No setor da história, algumas tentativas não vingaram em vista do tratamento superficial dado à matéria, de modo que as lacunas e referências inverídicas condenaram os livros a que nos referimos ao abandono em que caíram rapidamente. Entretanto, neste mesmo ângulo do problema didático, surgiu uma mestra da mocidade, professora Carmem Coelho de Miranda Freire, que investiga e expõe os acontecimentos sob os melhores critérios da moderna didática (LEAL, José, In: FREIRE, 1978).

Podemos dar destaque também as obras de cunho literário “*A Mansão da Praça Bela Vista*” (1977, 2ª ed.) e “*Diná*” (1995), que apresentam aspectos da história da Paraíba, principalmente da década de 1930 em forma de romance fictício, nessas publicações fica evidente sua preocupação em historicizar a figura do presidente João Pessoa, que de acordo com as interpretações dessas fontes, mas parece uma necessidade de enaltecer essa figura pública que fez parte da configuração política do estado da Paraíba. “Por isso, deu, com seu exemplo, sobejas oportunidades de se verificar como ele transformou a Paraíba em um ano e nove meses, elevando-a de estado pequeno, anônimo, a um exemplar da nação brasileira” (FREIRE, 1977, p.13) dando destaque ao seu governo e seus feitos naquele período.

Não só nessas obras, mas em artigos publicados no Jornal O Norte como “João Pessoa, o nome da capital” em 24 de novembro de 1994 e “João pessoa: sua vida política, sua morte e a Revolução de 30” publicado no mesmo em 26 de julho de 1996, o que nos

permite levantar alguns questionamentos: Por que a autora enfatiza em mais de um de seus escritos a trajetória política de João Pessoa? Será que ele faz parte de sua rede familiar ou de sociabilidade? Seu interesse pela figura de João Pessoa se relaciona com interesses e objetivos na pesquisa histórica ou nos revela seu posicionamento político sobre o período? Nossos encontros com as fontes, as análises e interpretações, poderão nos trazer respostas para esses apontamentos realizados, ou até mesmo nos direcionar para novas perguntas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto foi trazido uma reflexão acerca dos contornos que atravessam o conceito de intelectual, conforme discutido anteriormente, cuja literatura nos aponta suas origens na França em meados do século XIX, e que está ligada a uma concepção de homens que produzem conhecimentos ou ideias e que estão vinculados a intervenções de ordens políticas e sociais, “os intelectuais seriam uma categoria socioprofissional marcada pela vocação científica, no dizer weberiano, ou pela especialização que lhes confere “capital cultural” e “poder simbólico, nos termos de Bourdieu, quer pelo gosto da polêmica, inclusive a política.” Gomes e Hansen (2016, p. 10). Ainda relacionando as discussões das mesmas autoras, podemos destacar algumas perspectivas levantadas, em relação ao conceito de intelectual relacionado com a história cultural, e a produção de bens que se aproximam das propostas da pesquisa em andamento:

O primeiro se refere ao processo de “criação ou produção” de bens culturais, que remete à figura do intelectual classificado como “produtor original ou criador”, geralmente tratado por autor, artista, inventor, cientista etc, Enfim um sujeito concebido como responsável pela constituição da chamada cultura erudita, alta cultura, ou também identificado de forma coletiva, como integrante de grupos inovadores e movimentos de vanguarda, que produzem alterações percebidas como bruscas e profundas no ambiente artístico ou científico, muitas vezes obtendo reconhecimento, a posteriori. O segundo envolve os processos de acesso e recepção desses bens culturais, por grupos de tamanhos variados, sobretudo se considerarmos a diversidade de suporte desses bens, que vão da palavra falada e escrita, passam pelos impressos e pelo audiovisual, e chegam aos meios digitais. (GOMES E HANSEN, 2016, p.13).



Diante do exposto, percebemos que a educadora Carmen Coelho tem em sua trajetória, práticas que se relacionam com as duas perspectivas apontadas, além disso, esse estudo se insere na História da educação, História intelectual, dos intelectuais mais especificamente de uma mulher, professora e intelectual mediadora, o que nos remete a importância de aprofundar esse estudo e as discussões desse campo e das categorias apontadas a fim de contribuir com o alargamento desses debates.

REFERÊNCIAS

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos Hansen (orgs.). Apresentação. *Intelectuais mediadores. Práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

LOWY, M. Para uma sociologia da intelligentsia capitalista. In: (Org.) LOWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Livraria Editora Ciências humanas, 1979. P.1-92.

SANTOS, Niédja Ferreira dos. *Carmen Coelho de Miranda Freire (1912-2003): a biografia de uma educadora a partir de suas práticas de escrita*. Dissertação de Mestrado. PPGE/UFPB, 2012.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da História Intelectual entre questionamentos e perspectivas*. São Paulo: Papyrus, 2002.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. In: *Revista Brasileira de Educação*, 16, pp.63-85, 2008.

VIEIRA, Carlos Eduardo. História Intelectual e História dos intelectuais: diálogos acerca da escrita da História da Educação. In: VIEIRA, Carlos Eduardo (Org.), *História intelectual e educação: trajetória, impressos e eventos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

FONTES

FREIRE, Carmen Coelho de Miranda. *João Pessoa: sua vida política, sua morte e a Revolução de 30*. João Pessoa, O Norte. 26 jul, 1996. Show, p.6.

_____. *João Pessoa, o nome da capital*. João Pessoa, O Norte. 24 nov, 1994. Show, p.4.

_____. *Diná*. João Pessoa: UNIGRAF, 1995.

_____. *A Mansão da Praça Bela Vista*. João Pessoa: A União, 1977.

_____. *Notas Genealógicas das famílias Gouvêa, Meira Henriques, Albuquerque Maranhão, Vieira, Coêlho*. João Pessoa: Mimeografia Velox copiadora. 1978.



_____. *História da Paraíba: do Império à República (para uso didático)*. João Pessoa: A União, 1976.

_____. *Padre Meira*. João Pessoa: A União, 1976.

_____. *História da Paraíba: para uso didático*. 2.ed. João Pessoa: A União, 1974.